

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

A proposito do adiamento das côrtes

Está constituido o quarto ministerio do novo reinado—um ministerio extra-partidario, porque, excluido o seu presidente, os homens que d'elle fazem parte não militam actualmente em nenhum dos partidos politicos. Alguns, pelo menos, são homens de sciencia, que se distinguem pelo seu talento e pelo seu saber, fazendo-nos suppôr, portanto, que alguma coisa de util ha-de sair da gerencia do actual governo.

Não tanto, talvez, por esta consideração, como pelo facto de o paiz já estar farto de aturar os politicos, o novo ministerio foi recebido com sympathia. Nós tivemos, por momentos, a esperança de que iria acabar, ou, pelo menos, interromper-se, por algum tempo, a serie de erros e desatinos que tem constituido a vida governativa do paiz nos ultimos annos. E, assim, supuzemos que todos os elementos politicos, pondo de parte os interesses partidarios e particulares que lhes têm absorvido a acção, se lançariam num novo caminho, trabalhando com o actual governo para um unico fim—a resolução dos problemas de que está dependente a nossa vida interna e internacional.

Embora, no ultimo numero, tivessemos notado que a queda do governo do snr. Sebastião Telles em nada modificava a incompatibilidade entre as maiorias e minorias da Camara, depois da constituição d'um ministerio extra-partidario convencemo-nos que essa incompatibilidade ia cessar, pela necessidade em que os nossos homens publicos se veriam de cumprir os seus deveres para com a nação, de maneira que esta não se resolvesse a retirar-lhes para sempre a sua confiança. E, quando isso acontecesse, não seria motivo para proclamar como benemeritos os nossos politicos que lealmente acompanhasssem o novo governo na solução dos graves problemas nacionaes, mas apenas um facto para registar com satisfação, porque seria o indicio de que, finalmente, a um novo reinado ia corresponder uma monarchia nova.

A constituição d'um ministerio extra-partidario impunha-se. Quando, no artigo anterior, escrevemos que o Rei precisava de fazer com que os politicos respeitassem o seu desejo de bem governar, devendo, na escolha dos ministros, começar por pôr de parte os potentados politicos, queriamos exactamente referir á necessidade de chamar para o governo homens que não tivessem responsabilidades no passado e que, pelas suas qualidades de saber, de talento e de honestidade, fôsse garantida d'um futuro melhor.

D'este modo, foi com alegria que acolhemos a noticia da constituição do actual ministerio, já porque satisfazia o nosso modo de vêr, já pela esperança em que ficámos de que ia terminar o desvairamento dos nossos politicos.

Não durou muito a illusão. O pedido de adiamento das côrtes, significa para nós apenas isto: que o actual governo, apesar de extra-partidario, não pôde viver com o parlamento. E isto quer dizer o que já muitas vezes temos accentuado—que os politicos são a peor praga d'este paiz.

Está o parlamento aberto ha alguns mezes—e ainda d'elle não saiu *uma unica medida*. Uma unica. Allegavam os deputados, ou melhor—os chefes dos partidos em que militam—, para justificar a sua opposição aos governos, que estes enfermavam do *vicio de origem*, querendo significar que a sua constituição havia obedecido exclusivamente aos caprichos do chefe do partido progressista que era, portanto, quem soberanamente mandava. Achavam deprimente a tutela do snr. José Luciano e, para se libertarem d'ella, procuravam derrubar, á custa de todos os meios, os governos constituidos segundo os seus planos.

Mas o predominio do snr. José Luciano acabou, se não se interrompeu apenas; ou, pelo menos, a constituição do actual ministerio parece significar-nos isso. Devia, portanto, terminar a attitude hostil do parlamento—e o novo governo começaria a trabalhar auxiliado por elle.

Entendemos que as coisas deveriam passar-se d'este modo e tivemos, por momentos, a esperança de que assim aconteceria. Mas, constituido o ministerio—ou ainda não definitivamente constituido—co-

meçou a annunciar-se que o seu primeiro acto seria o pedido de intervenção do poder moderador para adiar as côrtes. Assim fez, e ahí fica o parlamento fechado por dois mezes, tendo estado aberto durante perto de tres, mas reduzindo-se a sua obra a meia duzia de discursos violentos e algumas carteiras partidas.

Neste momento, apenas uma razão encontramos que explique o acto do governo: a certeza, por parte d'este, de que o parlamento continuaria na sua obra de destruição de mobiliário e de... ministerios. E, encarando-o assim, é que nós o achamos digno de attenção, porque nos revela que os nossos politicos já não sabem o que devem ao paiz, á monarchia e a si proprios.

Já o temos dito por algumas vezes, ou, pelo menos, deixando perceber:—acreditamos que o Rei tenha desejo de governar bem. Mas não pôde—e ha-de acabar por querer governar mal, porque a verdade é que são os politicos que fazem o rei e não o rei que faz os politicos.

As provas, que estes têm dado no nosso paiz, são das peores, e, não tendo um monarcha, como não tem o actual, energia bastante para os fazer mudar de orientação, ha-de ser vencido e depois tornar-se cúmplice dos seus erros.

Vamos para dois annos de reinado novo, que são, afinal, mais dois annos de monarchia velha. No fim do anterior, os homens de todos os partidos que não estavam no poder sustentaram uma lucta violentissima contra a Corôa, por esta desprezar o poder legislativo; agora, todos applaudem um acto que envolve desprezo identico.

Tôdo isto é, talvez, superior á nossa comprehensão; mas, se não é, se os factos têm realmente o significado que lhe attribue o nosso espirito, cheios de tristeza, terminamos este artigo por estas palavras pessimistas: Portugal, se na verdade precisa de salvar-se, não encontrará salvação possivel com tal gente.

Prevenimos os nossos obsequiosos assignantes da capital de que está encarregado de mandar fazer a cobrança o nosso sollicito correspondente e bom amigo sr. José Rodrigues Correia de Mello.

Esperamos que todos satisfaçam as suas assignaturas, quando lhes fór presente o respectivo recibo, pelo que, desde já, nos confessamos muito reconhecidos.

NOTAS LIGEIRAS

O ADIAMENTO

Reuniu o conselho de estado com a assistencia dos snrs. Julio de Vilhera, Beirão, Pimentel Pinto, Antonio Cand do, Moraes Carvalho, Antonio d'Azevedo e Mello e Sousa.

Todos se pronunciaram favoravelmente ao adiamento das côrtes até ao dia 19 de julho. O snr. José Luciano mesmo, que... assistiu apenas em espirito, mandou, por não propria, o seu voto n'aquelle sentido.

Quer dizer—acharam-se todos de accordo. Entenderam-se ao menos uma vez,—se é que não se entendem sempre.

E nós perguntamos muito naturalmente, e, talvez, ingenuamente: porque não se entenderam antes no sentido de o parlamento continuar aberto, accordando em começarem a trabalhar a serio pelos interesses do paiz e mandando ao diabo as velhas desintelligencias interesseiras que lhes tem absorvido todo o tempo?

Pode ser que os factos se encarreguem de responder-nos. Veremos, então, o melhor e o mais bonito, porque, apesar de tudo que já se tem visto, parece-nos que a procissão ainda não vae em meio...

BENEVOLENCIA

Ficamos em benevola expectativa—eis a resposta que o novo governo tem recebido, ao procurar pôr-se ao corrente das disposições em que estão para com elle os chefes dos diversos grupos politicos.

Quem se deixar levar por apparencias, dirá que o ministerio extra-partidario está rodeado de amigos, cheios de benevolencia, promptos a desculpar as pequenas faltas e a evitar as grandes.

Mas serão os nossos politicos capazes de tanta lealdade, de tanta abnegação?

Seria caso para annunciar um milagre. Nós não o acreditamos—e o mesmo acontecerá, decerto, com o snr. Wenceslau de Lima que deve saber com quem lida...

JORNAES

Ha muita gente que não acredita em jornaes, que não liga importancia nenhuma ás suas palavras, quer se refiram a pessoas, quer a factos.

E tem razão. Afóra as honrosas excepções do estylo, a nossa imprensa prima por falta de coherencia e, portanto, de sinceridade.

Ahi vão, para amostra, os dois trechos do «Diario Popular», referindo-se o primeiro ao sr. Wenceslau de Lima, por occasião da sua nomeação para ministro dos estrangeiros, em 8 de janeiro de 1909, e o segundo sobre o mesmo homem publico, a proposito da sua elevação a presidente do conselho de ministros, em 14 do corrente mez.

«Sem opiniões definidas, porque é incapaz de as possuir, elle não sabe se ha-de resolver a questão dos sanatorios com jogo ou sem jogo, nem se as aguas controvérsadas são de Macau ou da China. Com o tratado da Alemanha, que assinou de cruz e em que o ministro respectivo

obteve um triumpho diplomatico, celebrando no seu paiz, intenta illudir os tolos negando se a publicou e deixando-o, para ser aprovado á ultima hora, sem discussão parlamentar. A consciencia de ter lhe segredado que a sua obra, ou antes a obra dos outros, não passa d'uma burla feita á nação.

Foi este diplomata avariado que lançou os fundamentos á torpissima obra da scisão do partido regenerador.»

«E' de sobra conhecido na nossa politica para que lhe tracemos o perfil. A uma prudencia criteriosa e uma educação captivante ha acrescentar que o torna credor das sympathias publicas—dobrou o cabo tormentoso dos Navegantes, sem ter medo do velho Adamastor de chinillos e chambre, que ha uns bons quarenta annos traz ensarilhada com a sua magia negra toda a politica portugueza.»

GAZETILHA

Lembras-te ainda, Fernando,
D'esses bons tempos passados
Em que andavamos brincando
Alegres e sem cuidados,
Saltando pelos quintaes,
Apenas preocupados
Com *estrellas* e pardaes?

D'essas pandegas rasgadas,
Feitas sem grande alvôrto,
Com bellas maçãs assadas
Lá na casa do Picoto
Escalada p'la janella
A' custa do fato rôto
E d'algunha *arranhadela*?

Da nossa banda invencível
Feita de gaitas de canna,
Inferneira tão horrível
Que mettia aos outros *gana*
De nos irem aos *favaes*
Tocando-nos a *pavana*
Nos fundilhos musicaes?

D'essas festas com sermões
Que jámais terão parelha,
Das fogaças, procissões
E cousas do arco da velha,
Dos santinhos sem rival
Feitos no forno da telha
Pelo Agnello e p'lo Vidal?

D'uns *certos* dôces que o Av'ino
Tinha em casa só por luxo
E que tu, rico menino,
Metteste no *pá do buxo*?
Se te lembras, de certo ha-de
Muita lagrima em repucho
Saltar-te hoje de saudade!

El-Vidalonga.

NOTICIARIO

Consorcio—Realisou-se no sabbado, pelas 2 horas da manhã, na igreja matriz d'esta villa, o enlace matrimonial do nosso presado amigo e considerado pharmaceutico, snr. Aristides Dias de Figueiredo, com a snr.ª D. Cacilda Dias, que ha alguns mezes desempenha aqui com muita distincção as funcções de encarregada da estação telegrapho-postal.

Foram padrinhos o snr. padre Manuel da Cruz, digno parcho d'esta freguezia, e a snr.ª D. Leopoldina da Conceição Fernandes, mãe do noivo.

A noiva é uma senhora de educação esmerada e de excellentes

qualidades moraes, e o noivo um bello rapaz, digno de toda a consideração e sympathia pelas suas qualidades de coração e de caracter.

D'aqui o abraçamos, enviando-lhe os nossos affectuosos cumprimentos e desejando sinceramente para si e para sua Ex.^{ma} Esposa as maiores felicidades.

Os noivos, em viagem de nupcias, partiram no proprio dia do casamento para o Porto, d'onde seguiram para o Bussaco, encontrando-se agora em Oliveira de Frades onde contam demorar-se até perto do fim do mez.

Baptisados—Realizou-se, no domingo, no Porto, o baptisado d'uma filhinha do nosso presado amigo sr. Vicente de Magalhães Taborda, considerado commerciante naquella cidade.

A galante creança recebeu o nome de Graziette Alfreda, sendo padrinhos o director d'este jornal e sua esposa, a sr.^a D. Alice Vidal de Magalhães.

Finda a cerimonia, foi servido em casa do sr. Magalhães Taborda um delicado copo d'agua a que apenas assistiram pessoas de familia.

Tambem, ha dias, se realizou, em Aveiro, o baptisado d'uma filhinha do nosso presado amigo sr. Paulo Moreira, digno empregado da direcção das Obras Publicas daquelle districto.

Foram padrinhos da gentil creança os seus tios, o nosso excellentissimo amigo sr. José Antonio de Carvalho Junior e sua Ex.^{ma} esposa.

Enviámos effectuosos parabens ao sr. Paulo Moreira e sua Ex.^{ma} esposa.

Creança afogada—Na ultima sexta-feira, morreu afogado um filhinho do nosso conterraneo sr. Joaquim da Costa Junior. Lamentando o triste acontecimento, acompañamos este nosso amigo na sua desventura.

Santa Joanna—Realizou-se, no ultimo domingo, em Aveiro, a festa da padroeira d'aquella cidade, santa Joanna Princeza.

Como sempre, decorreu com muito brilho, sendo enorme a concorrência de forasteiros.

Foi encarregado de fazer o panegirico da excelsa Princeza o nosso illustre amigo, sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, novo bispo d'Angola, que é considerado como um dos nossos mais notaveis oradores sagrados.

Fallecimento—Por intermedio do nosso amigo sr. Manuel Nunes dos Santos, dignissimo empregado da alfandega de Lourenço Marques, recebemos a triste noticia do fallecimento naquella cidade do sr. Joaquim Nunes dos Reis, natural da visinha freguezia de S. João de Loure.

A toda a familia enlutada enviámos sinceras condolencias.

Rocha Peixoto—Foram trasladados, no domingo, os restos mortaes do eminente cientista

Antonio Augusto da Rocha Peixoto para a Povoia do Varzim, sua terra natal.

Foi uma imponentissima manifestação de saudade pelo illustre morto, á qual se associaram as individualidades mais em destaque no meio litterario, artistico e scientifico do Porto.

Pelas Ilhas adjacentes—Foi superiormente determinado que se proceda ao estudo de uma linha ferrea, de via reduzida, na ilha da Madeira, que ligue as costas sul e norte da mesma ilha, terminando junto a S. Vicente e passando por Camara de Lobos, Ribeira Brava e Serra d'Agua. Vae ser tambem estudado o complemento d'essa linha por outra que partirá de S. Vicente, seguindo por Sant'Anna, Machico e Santa Cruz, até proximo do Funchal.

O novo ministerio—Ficou assim constituído o novo ministerio:

Presidencia e Reino—Wenceslau de Lima.

Justiça—Francisco José de Medeiros.

Fazenda—Francisco de Paula Azeredo.

Guerra—General Elvas Cardeira.

Estrangeiros—Carlos Roma do Bocage.

Obras Publicas—Alfredo Barjona de Freitas.

Marinha—Manuel da Terra Pereira Vianna.

Instrução Primaria—Foram nomeadas definitivamente: para a escola de Frossos a sr.^a D. Dulce Lemos, e para a de Alquerubim a sr.^a D. Margarida Miranda; e providas temporariamente: a sr.^a D. Maria de Mello Sousa na escola feminina de Fermentellos, e a sr.^a D. Maria de Mello Costa na escola mixta de Taboeira.

—Foram postas a concurso: a escola do sexo masculino do Bundeiro, concelho de Estarreja, e a do sexo feminino das Aradas, concelho d'Aveiro.

Bispo d'Angola—Deve realisar-se no dia 30 do corrente, na Sé Cathedral de Coimbra, a sagradação do novo bispo de Angola e nosso illustre amigo sr. D. João Evangelista de Lima Vidal.

Será bispo sagrante o sr. Bispo-Conde, assistindo tambem os srns. bispos de Bragança e do Algarve.

Excursão escolar—Acompanhados do dignissimo reitor do lyceu d'Aveiro, sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, e dos illustres professores srs. Zamith, Athaide e Oliveira Simões, foram na quinta-feira á Vista-Alegre visitar a antiga e importante fabrica de porcelana, que alli possuem os srs. Pinto Bastos, os alumnos da 4.^a e 5.^a classe, em numero de cem aproximadamente.

José Estevão—Segundo lemos em alguns collegas, os importantes livreiros do Porto, srs.

va querer fallar-lhe: o mancebo despediu-se, por um instante, das duas senhoras e foi ao encontro d'ella.

—Que tens tu estado a conversar tanto tempo? perguntou-lhe Maria Carolina, uma menina de dezesseis annos, que apparecia nessa noite pela primeira vez em sociedade. Quem são aquellas senhoras?

—A baroneza de Villa Marim! respondeu Salvador, preocupado.

A baroneza de Villa Marim não é duas senhoras: quem é pois a outra?

—Dois olhos magnificos!

—Dois olhos... que se chamam?

—A condessa de Foyos!

—Uma fidalga de provincia?

—Uma senhora, para toda a parte!

—Estás namorado, Salvador?

—Estou tonto, Maria Carolina!

—Precisas dançar. Aproveita esta valsa! Dá-me o teu braço.

—Achas que faz bem ao coração dançar, Maria Carolina?

—Acho que faz bem ao coração... fazer dançar sua irmã, Salvador!

Lello & Irmão, vão reeditar os discursos de José Estevão, fazendo-os acompanhar de notas elucidativas sobre a epoca e circumstancias em que foram proferidos.

Metade do producto liquido da venda da obra, que deve estar concluida antes das festas do centenário, será offerecido pelos editores á Misericórdia de Aveiro.

Camara d'Aveiro—Reassumiu a presidencia da Camara Municipal d'Aveiro o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto que, durante o seu impedimento, foi substituído pelo vice-presidente sr. dr. José Maria Soares.

Conferencia—No «Centro Republicano Escolar Aveirense», realiso no sabbado uma conferencia subordinada ao thema—*a hygiene da creança*—o sr. dr. Antonio Maria Marques da Costa, illustrado clinico municipal de Cacia.

Protecção aos menores—O «Diario do Governo» publicou um decreto que o sr. ministro das Obras Publicas do gabinete anterior havia submettido á assignatura regia, na qual se regulamenta o serviço dos operarios nas construcções civis, e estabelecem disposições especiaes para o emprego dos menores, tanto nas fabricas e officinas, como em quaesquer obras particulares. Assim, não poderão nunca ser admittidos antes dos 12 annos e não poderão trabalhar mais de dez horas por dia, exceptuando os domingos, destinados ao descanso completo.

Este regulamento começará a vigorar go dias depois da sua publicação.

Nomeação—Foi nomeado juiz municipal do Humbe (Angola) o nosso presado amigo sr. Dr. José Peres de Noronha Galvão.

D'aqui o abraçamos, enviando-lhe cordeaes felicitações.

Festa d'annos—Passou no domingo, 16 do corrente, o 49.^o anniversario natalicio do nosso illustre amigo sr. Joaquim da Cunha Leal Pecegueiro, dignissimo director do Asylo-Escola «D. Maria Amelia», da cidade do Porto.

Todo o pessoal do beneficiante estabelecimento se uniu e quotizou para prestar ao distinctissimo e querido funcionario uma homenagem eloquente da sua sympathia, homenagem tocante pela sua simplicidade e espontaneidade.

A's dez horas da manhã, dispostos os asylados em alas junto á residencia do seu director, foi este convidado por todo o pessoal seu subordinado, a descer com a ex.^{ma} familia ao salão de estudo que estava lindamente ornamentado com bandeiras, arbustos e profusão enorme de flores, tendo ao fundo um palco provisório.

Recebido com estrondosos vivas e vibrantes palmas, deu s. ex.^a entrada no salão, onde os asylados cantaram o hymno do Asylo, com acompanhamento da pequena mas distincta orchestra. O secretario,

—Tens razão! E olha, é uma valsa de Strauss! A dois tempos!

—Ainda bem!

Salvador, no fim da valsa, voltou a vista para o sitio em que se achava a condessa, mas os logares das duas senhoras estavam desamparados. Haviam deixado o baile.

Já os primeiros clarões do dia despontavam, e dançava-se ainda no club. Eram seis horas da madrugada, Salvador, n'uma das salas pequenas, encostado a uma mesa de wist, sem jogar nem ver jogar, sem fallar nem ouvir fallar, pregava vagamente a vista nos objectos que tinha em frente de si. O dia amanhecera lindissimo, e suscitou-se ali a ideia de partir do baile para Cintra. Um dos seus amigos instou muito Salvador, para que se associasse; o mancebo procurou debalde recusar, por que ninguém prescindia d'elle para uma festa em vendo probabilidade de o alcançar! A's sete horas metteram-o n'uma caleche. Julgaram-o contrariado, ao principio; triste e enamorado, depois. Ao chegar a Cintra elle exigiu, primeiro que tudo,

o nosso amigo Augusto Teixeira, depois d'um primoroso discurso em que poz em relevo as qualidades de caracter e de coração do festejado, convidou a descerrar o retrato do director—que, sob um docel, se encontrava no fundo do palco coberto pela formosissima bandeira do Asylo—o professor mais antigo da casa, o nosso amigo Angelo Vidal que, num pequeno improviso, mostrou quanta consideração, respeito e estima representava o acto a que se estava procedendo, e que se descerrava um retrato era sempre um acto tocante que nos fazia vibrar a alma, quando esse retrato era o de um chefe querido de todos, então redobravam de intensidade essas vibrações e não lhe permitia a commoção de que estava possuido encontrar palavras que traduzissem o seu enthusiasmo naquelle acto, mas que as palmas e vivas que iam estalar suppririam eloquentemente essa lacuna. E descerrando o retrato, foi este recebido com tal enthusiasmo que não se descreve. Eram lagrimas, palavras, vivas, emfim um delirio. Em seguida, os professores Jayme Lima, Amorim, padre Agostinho, discursaram enaltecendo o director, e os asylados recitaram cançonetas e representaram algumas comedias, entre as quaes se destacou pela simplicidade e graciosidade a comedia em primoroso verso, intitulada «A palmatoria»—original do distincto poeta e professor da casa, padre Agostinho.

A orchestra deliciou-nos com varias composições a maior parte originaes e escriptas expressamente, pelo distinctissimo mestre de musica Carlos Silva, para esta festa que terminou por uma poesia, da lavra do professor Angelo Vidal, da qual destacamos a ultima parte:

Que p'ra tudo ter risonho
Até escolheu este dia
—Pra vir ao mundo bisonho—
No mez das rosas, do sonho,
No lindo mez de Maria.

E visto que desfazer
Os annos não pôde, não,
Oxalá que com prazer
Os continue a fazer,
Com alegre coração.

E quando muito velhinho
Viver de recordações
Sorvendo de vagarinho,
Meio grosso ou vinagrinho,
Rememore as saudações

Expontaneas e vibrantes
Que lhe vimos tributar
Entre os vivas delirantes
Entre as palmas retumbantes
Que não cessam d'estalar.

16-5.-909.

EL-VIDALONGA.

um quarto: em seguida desculpou-se para com os amigos de não assistir ao almoço: finalmente, pediu-lhes tambem que fossem passear sem elle.

—Mas é então para isto que vens a Cintra?

—Sim! respondeu Salvador, querendo sorrir, e entrando para o quarto que pedira.

Então, como os amigos de Salvador concluíssem que elle nem estava triste nem namorado, porem tinha somno, almoçaram e foram passear sem elle.

Se o leitor não fez ainda trinta annos, adivinhou já que Salvador, tão depressa se encontrou só no seu quarto do Victor, não quiz dormir, mas... escrever. Foi uma extensa carta, das que dez vezes se principiam, dez vezes se riscam, dez vezes se recomeçam. E' possível que Camões não fizesse borrão para os *Lusiadas*, mas aposto que empregaria este cauteloso processo da epistolographia amorosa na primeira carta que escrevesse a Catharina! Na nossa epoca mesmo, em que o

A Litteratura e o analphabetismo

(CONCLUSÃO)

No atrazo, na hostilidade e na indifferença desdenhosa do nosso meio, Victor Hugo, para se equilibrar na vida pelo producto da sua obra colossal, teria de vestir saragoça e esmolar emprestimos dos amigos; Zola, depois de escrever o «Crime do Padre Moret» tentaria, á custa d'um sem-número de humilhações e de esforços, entrar como amanuense numa repartição do Estado. E encontrá-ohamos na velhice, exgotado de trabalho, de mangas coçadas pelo uso excessivo, esmoendo os magros rendimentos d'uma aposentação solicitada. Disraeli, com escandalo semelhante ao que obteve em Londres o seu «Vivian Grey», não lograria ir além do que o que era ao entrar na lucta pela subsistencia—empregado d'um notario. Quando muito, tocado por uma sorte magnanima—correspondente á sua sorte nos reinos em que foi presidente de ministros e dominador das multidões—e, amparado pela politica, treparia até á consideração e ao estipendio d'um segundo official da contabilidade.

O proprio jornalismo não offerece em Portugal as largas vantagens economicas das nações em que o alphabeto provocou o estímulo geral da communhão consciente aos interesses da collectividade.

Póde mesmo assegurar-se que os nossos jornaes, com exclusão de sete ou oito—apezar da paixão partidaria que os recommenda—nem sempre mantem o equilibrio entre a receita e a despeza. A sua tiragem nunca alcança um grau proporcional ao numero de creaturas que se nutre de pão e hortaliça, desde o Minho ao Algarve: havendo a attender ainda a que parte d'essa tiragem se destina ás colonias e ao Brazil.

O «Seculo», o mais procurado de todos elles, dar-nos-hia edições bem maiores, se a instrução do paiz correspondesse ás nossas responsabilidades de povo europeu, sobrecarregado com exigencias ineluctaveis de colonisação.

Pois no Japão, e refiro-me em especial ao Japão, porque ainda em 1879 não possuia imprensa, já em 1904 dava saída a dois diarios com e tiragem ordinaria de milhão e meio de exemplares. Esse povo exotico, enormemente distanciado da civilisação europeia pelas qualidades fundamentais de raça, por espessos sedimentos de tradições supersticiosas, pelos milhares de leguas de agua e terra que lhe interceptaram o ecco das convulsões tormentosas e illuminadas da Revolução Franceza, assimilou em trinta annos o que nós não com-

estilo é o passaporte litterario dos escriptores sem ideias, tenho visto estylistas, que a nomeada aclama, tornarem-se pallidos de susto ao arredondar o primeiro periodo de uma declaração amorosa.

É que escrever uma carta d'amor é puramente fazer litteratura da mais difficil! Ser simples, é parecer frio; ser verdadeiro, é não saber redigir; ser exacto, é parecer grosseiro! Mentir! Mentir! ao acaso! Mentir! de proposito! Exagerar ridiculamente, escandalosamente, para ter ares de sincero! Ser charlatão, para apparentar de sublime!

Alguns dias depois, Magdalena recebia em Miragaia a carta de Salvador. Era simples, respeitosa, e de uma trivialidade que affectava o tom sincero. A condessa respondeu a esta carta, por algumas vulgaridades tambem: que o mundo era pequeno, que havia almas infelizes, que a idéa de Deus era aqui a unica esperanza, *et cetera, et cetera, et cetera!* A estas cartas seguiram-se outras; seguiram-se muitas. O tom menor do estylo de Salvador pri-

SALVADOR E MAGDALENA

(CONTINUAÇÃO)

—E parte, decididamente, amanhã? disse Salvador á condessa, continuando um dialogo.

—Impreterivelmente!

—Tenciona, porem, voltar no inverno proximo?

—Não sei!

Foram estas phrases trocadas n'um tom rapido, como accusando que conheciam ambos a necessidade de as dizer depressa. Depois com voz humilde, o mancebo accrescentou confuso, indeciso, ancioso:

—E permitir-me-ha V. Ex.^a escrever-lhe, a informar-me respeitosa e da jornada que vae tentar?

Magdalena respondeu com uma simplicidade extrema.

—Porque não?

N'esse momento, Salvador viu a irmã, que por um aceno mostra-

prendemos depois de cem annos de tentativas e de rhetoricas mesianicas.

Somos uma nação que se distingue pelo que as outras se sentiriam aviltadas—pelo analfabetismo Hoje, em pleno seculo XX, se esquecermos o bisbilhoteiro estreito do noticiario de jornal, contaremos pouco mais dos cem leitores assíduos, que Voltaire lastimava não ter, em meio das frivolas indiciões do seculo XVIII

E' verdade que este numero insignificante de leitores não deriva exclusivamente do analfabetismo. Entre os que sabem ler, muitos repudiam a leitura pelo prurido desdenhoso de se entregarem apenas ao livro de sciencia ás publicações de vantagens praticas.

Segundo o criterio utilitario d'essa avareza da noção exacta e fundamentada, o verso e o romance são preocupações frivolas da frivolidade nacional. Exalçam a Inglaterra, nação pratica, toda occupada em descobrir e realisar a linha inflexivel do conhecimento util—de todo alheia a sentimentalismos doentios e phantasistas. Apesar d'isso, a Inglaterra enriquece os seus artistas, pagando-lhes cada obra por dezenas de contos de reis o que demonstra que esse povo, seduzido pela utilidade do esforço e do tempo, tem horas e curiosidades para tudo, mesmo para a leitura embecida de suavidades de sonho.

Benjamim Disraeli, ou lord Beaconsfield, a quem a Inglaterra deve a criação e a expansão da sua absorbente politica imperialista, encerrava a sua carreira publica pelo capricho apparatuso de um romance que um editor adquiriu pela somma de oitenta contos.

Mas, havendo, entre nós, tantos desdenhosos da litteratura — e isto nota-se a cada instante, mesmo n'esta sapientissima Coimbra — observa-se tambem que, sendo poucos os que lhe sacrificam tempo e interesses, são menos ainda os que se abastecem de noções scientificas. D'onde eu concluo que aquelle desdem não passa de um expediente capcioso para encobrir repugnancias esterilizadoras de qualquer leitura.

De resto, os desdenhosos surgem em face de todas as manifestações de actividade. N'este solo, sob este ardente sol, nem sequer o toureiro ou a sacristia gosam privilegio. E o toureiro e a sacristia hão de conservar por tempos largos a supremacia cubicada do functionalismo mais rendoso.

Conseguisse-se, por isso mesmo, diffundir a instrucção, elevando o nosso ambiente intellectual á altura do ambiente da maioria das nações europeias, e talvez a litteratura se tornasse a profissão séria e solida, a situação regularizada dos que nascessem com alma para sentir e crear, e com locução facil, suggestiva para dar fórma, verdade e consistencia ás creações do seu espirito.

cupiou a avultar, e algumas flôres rhetoricas foram medrando. Ao fim de dois mezes de uma correspondencia curiosa pela arte d'ataque do mancebo, e arte de defeza da condessa, Salvador n'uma carta permitiu ao seu estylo este periodo, gravemente arriscado: «E para mim uma coisa decidida e segura que ha algum mysterioso influxo que me vence e me conduz para si! Magdalena respondeu que queria fugir lhe, porque a sua alma abatida e exhausta não tinha que dar ao amor.— «Diz-me que tem soffrido! ponderava o mancebo em resposta a isto. Mas, se eu não lh'o tivesse lido nos olhos e nas faces, pensa porventura V. Ex.^a que me haveria interessado assim? A nobreza da existencia, é os soffrimentos. São, por assim dizer, diplomas de vida!

Havia desde muito tempo entre Magdalena e a baroneza de Villa Marim, uma correspondencia constante e activa. A proporção, porém, que da parte da condessa augmentou a effectividade de correio para Salvador, diminuiu para com a sua

Bastaria que cada escriptor contasse, por cada uma das suas obras, uma média de oito mil a dez mil leitores. Isto, claro, ha de alcançar-se, por certo. Ha de alcançar-se, porém, quando tivermos apagado no fundo do nosso modo de ser psychico os residuos de barbarie, de indolencia e fatalismo mourisco que a dominação arabe nos deixou no sangue—o que equivalerá a de vassarmos um novo mar tenebroso, e a descobriremos uma nova India.

Para então, se ainda existir o Bussaco e o hotel do Bussaco, creio que até já alli encontraremos revistas e jornaes portuguezes. Porque, actualmentemente, de dezenas de publicações periodicas que o hotel—esse hotel destinado a relembrar o periodo maximo do nosso poder maritimo, pelo seu estylo architectonico, e a celebrar a bravura dos nossos soldados na ultima invasão napoleonica, pela allegoria de muitos dos seus motivos ornamentaes — d'entre as publicações periodicas que o hotel offerece aos que o frequentam não se encontra uma só que lembre a existencia de qualquer trabalho impresso em lingua portugueza.

Vê-se bem que pelo vasto hotel, tão portuguez pelo local em que o edificaram, como pela curva e pela decoração das suas arcarias e capiteis, não passou a febre vulgarisadora da «Propaganda de Portugal». Pelo menos das dezenas de portuguezes que procuram as suavidades da lendaria e espessa floresta, nenhum reclamou até hoje, por necessidade ou por chauvinismo, a noticia d'um jornal da sua terra, ou a actualidade d'uma revista do seu paiz.

Souza Costa.

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Fez annos no dia 15 o nosso illustre amigo snr. Joaquim da Cunha Leal Pecegueiro, dignissimo director do Asylo Escola D. Maria Amelia. Pedimos licença para apresentar a S. Ex.^a os nossos respeitosos cumprimentos.

Partidas e chegadas

Foi passar alguns dias á sua casa na Povoia do Forno (O. do Bairro) o nosso presadissimo amigo snr. Manuel d'Oliveira e Santos, estudante muito distincto no Porto.

Estadas

Esteve, ha dias, em Aveiro, o snr. Augusto de Lima Vidal, irmão do snr. D. João Evangelista, bispo de Angola. —Esteve, hontem, no Porto, o nosso presado amigo sr. Eduardo d'Oliveira Barbosa.

Délivrance

Deu á luz uma galante creança do

amiga. Ha apenas um ciúme mais violento e mais damnado, que o de uma mulher por um homem, é o de uma mulher . . . por outra mulher! A baroneza teve ciúmes de Magdalena, e conseguiu saber que era Salvador quem lhe roubava os extremos d'ella. Foi uma lucta surda e implacavel, desde esse instante, e eu faço votos para que Deus defenda o leitor de conhecer um dia as sensaborias de tal situação, se cahir no abysmo de ter por concorrente ao coração de uma senhora... outra senhora!

Mil meios se empregaram, para impedir o nó d'esse amor: conselhos, insinuações, denunciaes, calumnias... Infelizmente, tudo isso chegou tarde, e já se amavam de mais para se abandonarem sem provas! Magdalena disse apenas á sua amiga, que a dispensava da menor admoestação sobre este assumpto; e, tempo depois, n'uma carta a Salvador, escrevia-lhe: «Da nossa amiga baroneza tenho tido cartas duas vezes por semana. Pôde ser que tu gostes de saber se ella me tem fallado em ti:

sexo feminino a snr.^a D. Julia Felgueiras Manços, carinhosa esposa do nosso amigo snr. Abel Manços, a quem damos cordeas parabens.

Doentes

Tem passado incommodado na sua casa de Beduido (Alquerubim) o distincto clinico snr. dr. José Pereira Lemos, cujas melhoras sinceramente desejamos. — Tambem passa incommodado o nosso presado amigo snr. Avelino Dias de Figueiredo. Vae, felizmente, melhor, o que muito estimamos.

SECÇÃO LITTERARIA

BOAS NOITES

Estava uma lavadeira
A lavar numa ribeira,
Quando chega um caçador:

—Bôas tardes, lavadeira!

«Bôas tardes, caçadôr!

—Sumiu-se-me a perdigueira
Alli naquella ladeira;
Não me faizeis o favôr
De me dizer se a brêgeira
Passou aqui á ribeira?

«Olhe que d'essa maneira
Até um dia, Senhor,
Perdereis a caçadeira,
Que ainda é perda maior.

—Que me importa, lavadeira!
Aqui na minha algibeira
Trago dobrado valor...
Assim eu fôra senhor
De levar a vida inteira
Só a vêr o meu amor
Lavar roupa na ribeira!...

«Talvez que fôsse melhor...
Vêr coser a costureira!
Vir de ladeira em ladeira
Apanhar esta canceira,
E tudo só por amor
De vêr uma lavadeira
Lavar roupa na ribeira...
E' escusado, senhor!

—Bôas noites... lavadeira!

«Bôas noites, caçadôr!...

JOÃO DE DEUS.

DOS Nossos CORRESPONDENTES

Lisboa, 13

Na igreja parochial de Santos-o-Velho, baptizou-se, no dia 6, um filhinho do nosso presado amigo e assignante snr. Manuel da Costa Jerego, importante e bemquisto commerciante d'esta praça, e da snr.^a D. Gertrudes Jacintha da Costa Jerego. Foram padrinhos o

nem mais uma palavra. Eu, que nunca tive segredos para ella, não quero dar-lhe logar a dizer-me uma coisa menos agradável. Ainda que a fé que eu hoje tenho em ti, te proteja no meu conceito, não quero, se a minha ventura se aniquillar um dia, que seja pela minha mão!»
Foi um periodo de affectos leaes, que ambos atravessaram, como raramente é dado experimentar n'este mundo. Nos primeiros tempos, Salvador, que não adquirira ainda a convicção de que era amado, e a quem apenas guiava a vehemencia da sua esperanza, sentia-se a cada momento embaraçado pela sua timidez, senão pelo mysterioso terror que os homens de imaginação experimentam no momento da realisação dos seus sonhos, e não é mais do que o receio confuso de se lhes quebrar o encanto! Mas, depois! Quando o amor illuminou as cartas de Magdalena, que de sensações, que de anciedades, que inquieta alegria, que felicidade melancolica, unica que é doce!

Elle saia muitas vezes para Cin-

snr. Domingos Coelho da Silva Mattos, conceituado commerciante, e a snr.^a D. Maria Jacintha Monteiro, avó materna do neophyto, a qual veio expressamente do Cartaxo, terra da sua naturalidade.

Finda a cerimonia, foi servido em casa do nosso amigo snr. Costa Jerego um delicado copo d'agua e mais tarde um esplendido jantar que decorreu no meio da mais franca alegria.

Pela nossa parte, cordeas parabens ao snr. Costa Jerego e á sua Ex.^{ma} Esposa.

—Vindo de Pinheiro (S. João de Loure), encontra-se nesta cidade o snr. José Martins d'Abreu, que vem consultar um especialista sobre uma grave doença de que soffre ha tempo.

Está hospedado em casa do nosso amigo Manuel do Paço, onde já fômos visitá-lo. Mais uma vez lhe exprimimos o sincero desejo que temos de o vêr completamente restabelecido dentro em breve.

—E' esperado, por estes dias, na capital, o nosso amigo sr. João Rodrigues Correia de Mello, de S. João de Loure.

—Por noticias recebidas do Cartaxo, sabemos que o nosso amigo e assignante snr. Antonio Simões Serralheiro soffreu grandes prejuizos com o terramoto do dia 23, caíndo-lhe a casa de laboração da padaria e a chaminé, sendo a sua Ex.^{ma} Esposa ainda attingida pelos estilhaços. Felizmente, encontra-se já fóra de perigo, o que sinceramente estimamos.

—Acaba de partir para Setubal, onde conta demorar-se até ao fim do mez, o nosso amigo snr. Manuel de Sousa.

—Fômos, ha dias, surpreendido pela triste noticia do fallecimento em Africa do nosso amigo Joaquim da Silva. Lamentamos sinceramente o fallecimento d'este nosso amigo que era um trabalhador incansavel, de rara actividade e muito considerado pela sua honestidade. A' sua extremosa mãe, bem como a toda a sua familia, a expressão sincera das nossas condolencias. — Melicias.

Troviscal (O. do Bairro), 14

Entre o professor e alumnos da escola primaria do visinho logar de Mamarosa, e por iniciativa de aquelle, foi aberta uma subscrição cujo producto, na importancia total de 12000 réis, destinado ás victimas sobreviventes do terremoto de 23 de abril, foi entregue ao «Diario de Noticias», de Lisboa, como consta do seu numero 15.618 de 11 do corrente.

Subscreveram:

Um anonymo. 500
Antonio de Jesus d'Almeida 20

tra sem o dizer a ninguem, sem o haver dito a si proprio sequer uma hora antes de partir! Que ia lá fazer assim de repente, no outomno, quando Deus não queria que fosse em plenos dias de inverno? Ora! ia escrever a Magdalena, respondendo-lhe a uma carta no meio da triste solidão das tardes do outomno no campo: havia vez em Cintra que pela primeira vez o fizera, e em nenhuma parte lhe sabia tão docemente á alma escrever d'amor como ali! Não o acusem, oh! não o acusem de pueril, porque o amor é, como a natureza, grande principalmente nas coisas pequeninas!...

A distancia opprimia-o. Elle sonhava a cada instante com Magdalena, e não a via nunca! Teria de ser sua? Eis no que mal pensava, apesar de morrer por ella. O presente era tudo para o seu coração, com as indecisas bonanças de momento A sua alma ardente precisava soffrer, para sentir que vivia. Pode ser que a felicidade o enfastiasse! As cartas de Magdalena incendiavam lhe a inquieta aspiração ao

José Rodrigues Brandão	120
Albertino Simões Luzio	100
Amadeu Martins.	20
Armando Nunes Junior.	40
Luiz Costa Amador.	80
Salvador Lopes	70
Antonio Marques Vaz	20
Duarte Domingues	60
Salvador de Ramos Tribuna	60
Manuel Francisco Santiago	80
Lino Martins.	100
Adamastar Maria Teixeira.	100
Joaquim Francisco Santiago	40
Antonio dos Santos Duarte	40
Antonio Simões Gago	40
Mario d'Oliveira da Conceição	60
José Simões dos Santos.	60
Jeronymo d'Oliveira Pinheiro	80

—Falleceu hontem, e sepultou-se hoje, o que em vida se chamou Claudino José dos Reis, da Povoia do Carreiro.

Paz á sua alma. — Gil.

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Transporte	115\$400
Jeronymo Fernandes Mascarenhas	500
Somma	115\$900

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenirem, sempre que mudem de residencia, ou quando não recebam o jornal.

impossivel, que nenhuma realidade satisfaz. Sentia-se poeta no seu amor, Magdalena adorava-o, e era adorada por elle. A sua imaginação emprehedia o desenho de mil quadros amenos. Em Cintra, ás noites, ao ver scintillar a neve da serra sob os raios azues da lua, sentia uma devoradora tristeza de não ter Magdalena a seu lado como Werther tinha Carlota, para embeberem as suas almas na contemplação da natureza adormecida.

Estavam ambos no mais bello periodo do amor. A esperanza affagava-os com as suas brancas azas! Eram felizes pelo presente, e pelo porvir. Confiavam um no outro.

Foi n'esta occasião que Salvador procurando um jornal antigo, remechou todas as gavetas, e atirou para cima da sua secretária alguns dos papeis que lhe vinham á mão.

Entre esses papeis uma carta. Uma carta fechada, mas com o sobrescripto em branco.

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

A FAMILIA MALDONADO

POR
VIEIRA DA COSTA
E

OS TRISTES

POR
FRANCISCO BARROS LOBO

VIVEIRO DE VIDEIRAS

AMERICANAS

ENXERTOS e BARBADOS

Enviam-se precos correntes.

JOÃO SALGADO

Estarreja--FERMELÃ

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás crianças d'uma grande suavidade, portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . . 100 réis

A B C

ILLUSTADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

PADARIA FLOR DO PARAISO

— 270, RUA DO PARAISO, 272 —

PORTO

Ninguém fabrica melhor do que nós e poucos fabricam tão bem como nós.

E tão barato como nós ninguém vende

O rico e o pobre deve aproveitar uma economia de mais de 20 % no genero de primeira necessidade

Eis os preços d'esta casa desde o 1.º de janeiro em diante:

PÃO FINO:

Kilo em 8 pães, 100 réis!

duzia de pão fino que em outra qualquer casa custa 150, 160, 100 e 120, custa em nossa casa apenas 120 e 90 réis respectivamente

A's boas donas de casa, aos proprietarios e directores de collegios, hotéis e restaurantes, recommendamos os productos da Padaria "FLOR DO PARAISO,,.

VENDAS A DINHEIRO

COLLEGIO MONDEGO

Paço da Inquisição—Coimbra

Director—Diamantino Diniz Ferreira

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Instrução secundaria,—Curso geral e complementar.

Curso Commercial.—Portuguez, Conversação franceza, ingleza e allemã, contabilidade, calligraphia e escripturação commercial.

Musica, esgrima e gymnastica sueca.

O ensino primario é ministrado em portuguez, francez e inglez, tendo as linguas estrangeiras uma orientação essencialmente pratica.

Annexas á aula de instrução primaria, ha officinas de modelação, esculptura, typographia, marcenaria, encadernação e pintura; podendo optar cada alumno pela aprendizagem de qualquer d'estas roffisões.

O exame do 3.º anno do Curso Commercial é feito por uma commissão de technicos, sendo passados aos alumnos diplomas de competencia.

Sempre que as aptidões e vontade do alumno o permittem, o Collegio esforçar-se-ha por tirar num só anno a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes dos Lyceus, bem como a 4.ª e 5.ª, e a 6.ª 7.ª (de Letrass).

ALUMNOS INTERNOS E EXTERNOS

PROFESSORES

General Aniceto de Paiva.
Charles Lepierre, Director do gabinete de microbiologia da Universidade
Capitão Antonio Baptista Lobo
Lucio Agnello Casimiro, professor do Lyceu de Horta
John Sidney
D. Olivia Duque, directora do Jardim d'Infancia
Francisco da Costa Ramos, professor diplomado
José d'Almeida, guarda-livros
Pinheiro da Costa, antigo leccionista
Antonio Donato, guanda-mór da Universidade
Diamantino Diniz Ferreira, professor da Escola Nacional d'Agricultura.



AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

Joaquim L. G. Moreira

Agente de todas as companhias maritimas. Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO



PORTO

TYP. DE A F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
" —semestre 600
Africa—anno 1\$500
Brazil —anno—(moeda forte). 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . 10 réis
Communicados, cada linha . . . 20 "

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

2.º ANNO—N.º 24

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Em.º Sni.